

O PROBLEMA DA FOME: “DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER” O desafio lançado por Jesus em Mc 6,34-44

JOÃO LUIZ CORREIA JÚNIOR¹

Se não tens o que comer
como pretendes defender-te?
É preciso transformar
todo o Estado
até que tenhas o que comer.
E então serás teu próprio convidado.
Quando não houver trabalho para ti
como terás de defender-te?
É preciso transformar
todo o Estado
até que sejas teu próprio empregador.
E então haverá trabalho para ti.
Se riem de tua fraqueza
como pretendes defender-te?
Deves unir-te aos fracos.
e marcharem todos unidos.
Então será uma grande força.
E ninguém rirá.
(BERTOLT BRECHT)

Resumo

O problema da fome vem de longe e é muito conhecido de todos nós, nordestinos. Sobretudo com o propalado projeto “FOME ZERO” do Governo Lula, muito se tem discutido sobre essa questão que atravessa séculos, dizimando populações inteiras em nossa sofrida região e em vários lugares do planeta. Tal problema é impactante e questiona profundamente não só o modelo econômico em que vivemos, mas a cada um de nós que, diariamente, deparamos-nos com suas graves consequências sociais. A Teologia, que quer ser fiel à fé, às Sagradas Escrituras e aos apelos de Deus que surgem do clamor das multidões famintas e excluídas, precisa estar atenta aos questionamentos que brotam dessa realidade, para esboçar as razões da fé e os apelos da fé, da melhor forma possível. Este artigo quer dar uma pequena contribuição nesse sentido, ao refletir sobre a problemática da fome a partir de Mc 6, 34-44.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos, o problema da fome na Bíblia.

THE PROBLEM OF HUNGER: "GIVE THEM SOMETHING TO EAT YOURSELVES"

Abstract

The problem of hunger is an age-old one and very well-known to all of us from Northeast Brazil. Especially as a result of the well-advertised "ZERO HUNGER" project of the Lula Government, there has been much debate on this centuries-old question. Hunger has wiped out entire sections of the population in our famine-struck region and in other parts of the planet. A problem such as this has great impact and profoundly questions not just the economic model which rules our lives, but also makes each one of us, every day, ponder on the serious consequences. A Theology, which seeks to be faithful to the faith, the Holy Scriptures, and appeals from God which arise from the clamour of the multitudes of those who are famished and excluded, needs to be attentive to such questioning. This springs from this reality and makes us map out the reasons for faith and the appeals of faith in the best form possible. This paper seeks to make a small contribution to this end while reflecting on the problem of form based on Mark 6, 34-44.

Key-words: Gospel of Mark, The problem of hunger examined in the Bible.

Introdução

Todo texto de valor literário, para ser bem interpretado, deve ser lido à luz do contexto histórico de quem faz a leitura e do contexto de quando foi escrito. Desse modo, cada leitura pode ser uma produção de sentido. O sentido não é algo objetivo e palpável que está no texto em estado puro: faz-se necessário que a pessoa esteja problematizada por acontecimentos historicamente situados, determinados, em busca de inspiração para novas práticas cotidianas.²

Neste estudo, o problema contextual que nos faz ir ao texto bíblico é o da fome de milhões de seres humanos que, sem o mínimo para sobreviver, degradam-se progressivamente até deparar-se com o espectro da morte. O que fazer diante desse desafio crucial para a humanidade? Que elementos são fundamentais para uma mudança de mentalidade? Foi pensando nisso que

buscamos na prática de Jesus, inspiração para a nossa prática hoje.

O texto escolhido Mc 6,34 está muito próximo de nós-44 (tem paralelos em Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13; Mc 8,1-10). Pode ser dividido em três partes:

1. O desafio da grande multidão excluída. Jesus vê e se compadece, em virtude da situação de abandono em que se encontra (6, 34):

(34) Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

2. Ausência de compromisso versus exigência solidária. O discipulado tenta, por duas vezes, desvencilhar-se de qualquer compromisso com a multidão, mas ouve de Jesus o imperativo ético da solidariedade e a orientação (estratégia prática) para que a partilha possa ser efetivada (6,35-44):

(35) Sendo a hora já muito avançada, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada. (36) Despede-os para que vão aos campos e aldeias vizinhas e comprem para si o que comer. (37) Jesus lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.
Disseram-lhe eles: “Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?” (38) Ele perguntou: “Quantos pães tendes? Ide ver” Tendo-se informado, responderam: “Cinco, e dois peixes”.
(39) Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a relva verde. (40) E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinqüenta.

(41) Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhos distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos.

3. Conseqüência da partilha: fome saciada e garantia de reservas.

(42) Todos comeram e ficaram saciados. (43) E ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixes. (44) E os que comeram dos pães eram cinco mil homens.

A partir do nosso contexto histórico, isto é, problematizados pelos desafios do tempo presente no que se refere à questão da fome, vamos estudar cada uma dessas partes da narrativa de Marcos, para nos inspirarmos nas palavras e na prática de Jesus em busca de uma coerência sempre maior entre fé e vida.

1 O desafio da grande multidão excluída

Herdamos do século XX notáveis progressos científicos e tecnológicos; são inúmeros os benefícios nas diversas áreas do conhecimento, tais como medicina, informática, comunicação, comércio e cultura. Hoje, mais do que nunca, temos o instrumental para criar novas formas de relacionamento harmonioso entre os grupos, etnias, culturas, religiões e nações. Temos também os recursos tecnológicos para combater, controlar e até vencer problemas que há séculos assolam a humanidade, tais como doenças infectuosas e até genéticas. Podemos inclusive os recursos financeiros para combater a fome e a miséria de gerações condenadas à exclusão e à morte prematura.

Temos condições, mas falta-nos o espírito solidário e a decisão política para vencermos o espírito que nos aprisiona em

modelos ideológicos e socioeconômicos, voltados para a manutenção dos interesses das minorias, que se perpetuam no poder às custas da exclusão dos direitos elementares da maioria.

Contudo já se pode observar que há uma consciência – cada vez mais comum – de que é urgente efetivar políticas que defendam e promovam a vida em todos os níveis; do contrário, decreta-se a pena de morte para toda forma de vida em nosso ecossistema. A proteção da vitalidade e da diversidade do planeta é, portanto, um dever sagrado... Não temos escolha: ou mudamos a nossa mentalidade em relação e passamos a formar uma aliança global para cuidar da terra em suas múltiplas formas de vida, ou arriscamos a destruição de tudo, inclusive a nossa.

Enquanto discutimos tais problemas em fóruns de debates municipais, estaduais, federais, internacionais, o fosso profundo que divide a humanidade entre ricos e pobres se torna a cada dia ainda mais abissal. Milhões de pessoas estão marginalizadas, inclusive das novas tecnologias.³ Os benefícios e oportunidades não têm sido divididos eqüitativamente por conta de “uma polarização grotesca e perigosa entre as pessoas e países que se beneficiam do sistema e aqueles que são meros receptores passivos dos seus efeitos”.⁴

As raízes da fome estão, especialmente, na distribuição iníqua da renda e das riquezas, que se concentram nas mãos de poucos, deixando na pobreza enormes contingentes populacionais nas periferias urbanas e nas áreas rurais⁵.

A pobreza extrema de milhões de seres humanos é uma tragédia que não pode mais ser ignorada, pois impacta e causa perplexidade em qualquer lugar do mundo. No Brasil, essa tragédia é um escândalo ainda maior porque, apesar de rico, desenvolve há séculos uma política econômica que privilegia mino-

rias e descarta a maioria dos brasileiros da vida com dignidade.⁶

Metade dos miseráveis brasileiros vive no Nordeste, geralmente na zona rural das pequenas cidades. Nesses bolsões de pobreza assolados pela seca, não há trabalho e, conseqüentemente, proliferam problemas crônicos como a fome, a desnutrição, a prostituição, a violência, as doenças e, inevitavelmente, a morte prematura.

A grande multidão excluída da vida, largada à miséria e às conseqüências imediatas que daí resultam (fome, subnutrição, prostituição, doenças, analfabetismo, violência), suscita ou deveria suscitar profunda compaixão, sentimento capaz de motivar gestos concretos de solidariedade...

Jesus vê e se compadece da multidão (Mc 6, 34)

(34) Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

A grande multidão estava abandonada à própria sorte... Ao contemplar o povo sofrido que a ele acorria, Jesus ficou “*tomado de compaixão*”, sentimento que é conseqüência da falta de cuidado da parte de quem, em primeiro lugar, deveria ter compromisso com tal situação. A metáfora é uma crítica clara aos líderes políticos daquela época: “*pois eram como ovelhas sem pastor*”. Mas Jesus não ficou na crítica estéril: ele resolveu tomar alguma posição pessoal diante de tal realidade desafiadora.

Vamos tentar explicar isso... Para tanto, precisamos entender a situação do povo no tempo de Jesus como conseqüência direta do descompromisso já então secular da classe dirigente.

A grande multidão excluída

A grande multidão que busca Jesus, cercando-o (5, 21) e seguindo-o (5, 24b), era constituída de pessoas que, em virtude de alguma situação-limite que enfrentam na vida, buscam encontrar solução imediata para os seus problemas.

Marcos é o primeiro a introduzir esse termo no Novo Testamento, em detrimento da palavra *laos*, “povo”, palavra bastante usada nos Setenta (cerca de duas mil vezes). No transcurso da narrativa marcana, *ochlos*, “multidão”, aparece 38 vezes, sempre no singular, exceto em 10,1 *ochloi*, “multidões”.⁷ Em seu comentário ao Evangelho de Marcos, Myers demonstra que há estudos no sentido de que Marcos compreendeu o termo *ochlos*, “multidão”, como sendo análogo à expressão hebraica *‘am ha’ aretz* (“povo da terra”). O autor lembra que tal expressão, nos tempos pré-exílicos, designava judeus proprietários de terras, mas, durante o exílio e depois dele, a palavra se referia aos homens comuns deixados para trás na Palestina, que assumiram a propriedade da terra. Depois do tempo de Esdras, o termo passou a significar especificamente a classe mais baixa, pobre, não-educada e ignorante da lei. Se tais estudos estão corretos, conclui Myers, “então merece particular atenção o fato de os rabinos ensinarem que os judeus não deviam participar de refeições, nem viajar junto com os *‘am ha’ aretz*. Não obstante, Mc apresenta Jesus fazendo ambas as coisas com *ochlos*”.⁸

A multidão aparece em Mc 6,34 com as seguintes características:

- a) é constituída de um número elevado de pessoas, o que explica a necessidade de usar o adjetivo *polys*, “grande”;
- b) encontra-se à espera de Jesus;
- c) suscita nele compaixão: no texto paralelo (Mt 9, 36) é dito que Jesus teve compaixão dela “porque estava cansada e abatida **como ovelhas sem pastor**”.

Jesus está de tal modo acochado pela multidão que, para determinadas ações como atender a filha de Jairo, ele terá que proibir que o acompanhe (5, 37), ou terá que ficar à parte, junto com o surdo-gago, para poder curá-lo (7, 33). Esse grande contingente de pessoas parece não se entregar ao desânimo, buscando na pessoa de Jesus algum tipo de solução para problemas imediatos, normalmente envolvendo questões de doenças físicas e mentais.

Dessa multidão fazem parte os sem-nome, sem-identidade, sem-prestígio, sem-saúde, sem-juízo, deficientes físicos e mentais, homens e mulheres esquartelados em vida. São pessoas pobres, ou que se tornaram empobrecidas em virtude dos mais diversos dramas existenciais causados por uma sociedade que não dá vez para a maioria.

Apesar de 97% da terra da Galiléia estar sendo cultivada no século I, “pelos campos há fome em grandes plantações”. Os motivos, segundo o biblista e pesquisador Gerd Theissen, são os seguintes⁹:

- a) Havia uma progressiva concentração da propriedade. Isso ocorreu porque muitas famílias tiveram suas terras confiscadas por Herodes em virtude da dívida de tributos. Essas propriedades foram sendo vendidas ou repassadas para pessoas que já tinham grande capital. Com isso, os ricos enriqueciam ainda mais e passavam a cultivar as melhores terras para exportação de produtos: bálsamo, cereais, azeite. Por aí se entende o rápido crescimento da cidade portuária de Cesaréia desde sua fundação no ano 10 a C. É nessa perspectiva que podemos compreender a dimensão social da frase de Jesus: “A todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado” (Mc 4, 25).

- b) Essa concentração da riqueza nas mãos de poucos aguçou a luta pela distribuição dos bens ao longo do século I d C. Tal luta entre as camadas que produzem e as que se beneficiam era cada vez mais desigual: o trabalhador sentia-se à mercê dos credores (Mt 18, 23ss). Os romanos possuíam poder militar para impor sua tributação, enquanto que a aristocracia sacerdotal tinha meios ideológicos (a religião) para arrecadar o dízimo. Jesus critica duramente essa situação:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho (o preceito mosaico do dízimo que se aplicava aos produtos da terra era estendido, por um exagero dos rabinos, às plantas mais insignificantes), mas omittis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade... (Lc 18,23-24).

- c) Além de excluída economicamente, a multidão esfomeada era também culturalmente excluída. A pobreza generalizada produz doenças físicas e mentais, o que torna as pessoas estigmatizadas como impuras pelo ritualismo religioso. A importância das pessoas dependia de seu grau de pureza com a seguinte escala: sacerdotes, levitas, israelitas, convertidos, escravos libertados, filhos ilegítimos... As coisas impuras também tinham sua escala de graduação de pureza ou impureza. Para o povo, era praticamente impossível praticar esse complicado sistema simbólico, sobretudo pelas dificuldades econômicas. É importante ter presente essa situação para perceber o alcance político do posicionamento de Jesus e da comunidade de Marcos ao romper com esse legalismo religioso e se aproximar da grande

multidão. Por aí se compreende por que esse povo busca Jesus como alguém que lhe traz sinais de esperança no fosso profundo em que se encontra.

- d) A conseqüência disso não poderia ser outra: tensões generalizadas em toda Palestina. Tensões entre segmentos produtores e segmentos beneficiados, entre o campo e a cidade, entre estruturas de governo estrangeiras (romana) e da região palestinese, entre a cultura helenística e a judaica. Essa situação tensa e conflitiva levou a uma vida social ameaçada pela “anomia”, que ocorre quando numerosos membros de uma sociedade não podem mais conduzir sua vida segundo as normas do seu ambiente herdado, porque os grupos envolvidos sofrem alterações no seu status que provocam um abalo de suas normas e valores tradicionais. À medida que as tensões sociais se avolumam, ela envolve todas as camadas da sociedade (altas ou baixas). O movimento de Jesus tentou dar uma resposta a esse contexto desafiador.¹⁰

A compaixão de Jesus se traduz em ação

A compaixão de Jesus não é um mero sentimentalismo estéril, passivo, desprovido de gesto concreto. Pelo contrário: trata-se de um sentimento interior que revolve o mais profundo da consciência diante do sofrimento humano. Compaixão é, nessa perspectiva, um sentimento que mexe com a pessoa até às entranhas: é sentir profundamente a partir de outrem, sofrer-com, fazer-se um de tal forma que a causa do outro termina sendo sua.¹¹

Logo no início do evangelho de Marcos, lemos: “Movido de compaixão, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Sê purificado” (Mc 1, 41). Em muitas outras passagens, mesmo quando a palavra não é empregada, podemos sentir o movimento de compai-

xão ativa de Jesus. Muitas vezes ele concretiza a solidariedade ao expressar em gestos compassivos aquilo que expressa em palavras, no corpo a corpo com as pessoas: “Não chore”, “Não se preocupe”, “Não tenha medo” (por ex. Mc 4, 40; 5, 36; 6, 50).

O que tornou diferente o bom samaritano da parábola foi a compaixão que sentiu pelo homem deixado semimorto à beira da estrada (Lc 10, 33). O que tornou diferente o pai amoroso da parábola foi o excesso de compaixão que sentiu por seu filho pródigo (Lc 15, 20). O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelas pessoas empobrecidas, oprimidas e excluídas. Ele se identifica de tal modo com a multidão abandonada, sente-se de tal maneira a seu lado que lembra os mesmos sentimentos de bondade e misericórdia de Deus para com o povo de Israel:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (Ex 3, 7-8).

Como vemos, o sentido de compaixão na perspectiva bíblica se traduz em ação. Por isso Jesus “começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6, 34). Assim, para entender a missão do Mestre Jesus de Nazaré, é preciso percebê-lo em sintonia com o povo sofrido de sua terra. Ele é alguém de tal modo inserido, que se fez próximo fisicamente, corporalmente, identificando-se com os anseios do seu povo e tornando-se acessível, fácil de ser encontrado, tocado.

Jesus pertencia a esse povo. Desde o início do Evangelho de Marcos, ele é apresentado em plena convivência com o povo da Galiléia, sobretudo com os desprestigiados, tais como prostitutas e pecadores (Mc 2, 15); leprosos e possessos (Mc 1, 25-

26); mulheres, crianças e doentes (Mc 1, 32); cobradores de impostos (2, 14ss). Ele dá seqüência e aprofunda gradativamente essa missão, ao restaurar a vida de pessoas que surgem do meio das multidões desamparadas da Galiléia.

Essa proximidade, sintonia e compaixão de Jesus pelo seu povo, não poderia ser narrada com mais clareza e objetividade: a) Jesus se faz tão próximo que se deixa alcançar, cercar, tocar... (3, 7-12); b) Ele está tão sintonizado que se torna um só corpo, ao ponto de sentir o poder fluir para quem com ele consegue se fazer um (5, 25-34); c) Jesus sente tanta compaixão que se deixa direcionar em sua missão a partir dos problemas concretos das pessoas que conseguem emergir do meio da multidão, suplicando-lhe ajuda (7, 24-30).

Como vemos, o amor compassivo de Jesus se faz ação concreta que gera vida em personagens com rosto próprio (marcado com problemas urgentes e pontuais), que emergem da multidão (massa amorfa em que todos parecem iguais em suas necessidades e sofrimentos). Para com esse povo, mantinha profunda solidariedade e compaixão. É, portanto, algo divino, maravilhoso, que precisamos cultivar em nós, tal como Jesus o cultivou em si mesmo.

A compaixão como crítica ao poder político

Jesus “ficou tomado de compaixão por eles, pois **estavam como ovelhas sem pastor...**”. Trata-se de uma possível referência a Nm 27, 15-17:

Moisés falou a lahweh e disse: “Que lahweh, Deus dos espíritos que animam toda a carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que a faça sair e entrar, para que a comunidade de lahweh não seja como um rebanho sem pastor”.

O termo “pastor” é título que evoca para o judeu daquela época a dignidade correspondente a “chefes do povo”. Tais pessoas que, pela função que exercem, deveriam cuidar do povo, apascentar o rebanho, apascentam a si mesmos. Como se não bastasse, tratam de eliminar os profetas, pastores que em missão coerente com a vontade de Deus, proclamam verdades que libertam e que trazem algum tipo de esperança e lenitivo para o sofrimento das maiorias excluídas...

Nessa perspectiva, é importante lembrar que, antes dessa passagem em que é narrado o alegre banquete que Jesus proporciona, fruto de profunda compaixão pela situação do povo, temos a narrativa de um outro banquete (6, 17-29). Trata-se de mais um bacanal, dessa vez a comemoração de aniversário do rei Herodes. Lá estavam os grandes da corte, os oficiais e os cidadãos importantes da Galiléia. Atendendo a pedidos, o rei entrega numa bandeja a cabeça do profeta João Batista, que estava preso por ousar denunciar a corrupção ética e moral praticada na corte.

Na compaixão de Jesus, portanto, temos implícita uma crítica à classe dirigente que ao longo dos séculos demonstra descuidar do povo de Israel. Esse descompromisso em cumprir o dever de cuidar do povo é tão grande que o próprio Deus afirma – pela boca do profeta Ezequiel – que tomará conta do rebanho (Ez 34,11-15):

Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e o procurarei. Como um pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em um dia de nuvem e de escuridão... Apascentá-las-ei em um bom pasto, sobre os altos montes de Israel terão as suas pastagens. Aí repousarão em um bom pasto e encontrarão forragem rica

sobre os montes de Israel. Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, oráculo do Senhor Iahweh.

A classe dirigente no tempo de Jesus estava a serviço do Império Romano e mais preocupada em defender seus interesses do que em cuidar do povo. A política de helenização de Herodes, o Grande, e de seus filhos foi muito forte na Galiléia; promoveu o crescimento do latifúndio, favorecendo a que camponeses endividados vendessem suas terras a estrangeiros que, gradativamente, foram comprando grande parte da terra produtiva.¹² Por conta disso, a maior parte dos galileus vive em dependência econômica. Os anseios de independência eram mais fortes nessa região do que em outras partes da Palestina. O historiador Flávio Josefo já assinalava a valentia e o caráter combativo dos habitantes da Galiléia.¹³ É provável que tal combatividade tenha sido em decorrência dessa grande concentração de terras nas mãos de poucas famílias.

Jesus prefere permanecer no seio do povo. Continua firme, sem temer as perseguições e ameaças da parte de quem se sente preocupado pela coerência do que ele diz com o que ele faz. Mesmo consciente do fim reservado para os profetas do tipo João Batista, conforme já dizia Jeremias (2,30b: “vossa espada devorou os vossos profetas, como um leão destruidor”), Jesus se mantinha fiel aos anseios das camadas populares. Consciente da dura realidade dos empobrecidos de sua região, com o coração carregado de compaixão, Jesus está ali para servir por meio dos seus ensinamentos e de suas ações concretas, que lhe conferem cada vez mais respeito e autoridade.

2 Ausência de compromisso versus exigência solidária

O descaso com as multidões excluídas, o descompromisso com a causa do povo, a falta de justiça na distribuição equilibrada dos bens econômicos, tudo isso é uma constante em nosso meio. O progresso no combate à pobreza não acompanha o passo do desenvolvimento das comunicações, transportes e tecnologia. Além disso, a crise nos mercados financeiros mundialmente integrados tem refreado a produção mundial, desempregando milhões de pessoas e provocando cortes nos serviços sociais em todo mundo.

Conseqüentemente, a crise como que entorpece a capacidade mundial de compreender, de se interessar e reagir ao avanço da miséria no mundo. Por exemplo, a insegurança em relação ao emprego está aumentando, inclusive nos países industrializados, devido às reestruturações empresarial e econômica, além do desmantelamento das medidas de proteção social.

Desse modo, a causa humana foi deixada de lado. A globalização só funciona para acumulação dos lucros nas mãos de minorias, e não para as multidões, massas excluídas desse processo. Precisamos de uma nova abordagem para o exercício do poder político, uma abordagem que preserve as vantagens oferecidas pela concorrência e pelos mercados mundiais, mas que leve em consideração os recursos humanos, comunitários e ambientais.

É necessário reinventar a prática política com fortes compromissos sociais, a saber: com a ética mundial, a justiça, o respeito e a responsabilidade para com os direitos humanos de todas as pessoas; com respeito pelas diversas condições e necessidades de cada país; com o bem-estar humano como um fim, com mercados abertos e crescimento econômico como meios.

Isso traz consigo a emergência de um imperativo ético que se caracteriza, fundamentalmente, por três princípios:¹⁴

- o princípio responsabilidade, que consiste em respeitar e conservar a vida. Age de tal maneira que as conseqüências de tua ação reforcem a permanência da vida sobre a terra, isto é, que tua ação não seja destrutiva das futuras condições de vida;
- o princípio compaixão, que dá um passo adiante e afirma a necessidade de promover todos os seres em seu equilíbrio dinâmico, especialmente os vivos e, entre os vivos, os mais fracos e ameaçados;
- o princípio cuidado, que surge como um modo de ser-no-mundo na forma de permanente cuidado com todas as formas de vida; isso implica uma sensibilidade para com a sacralidade da vida, na perspectiva da reciprocidade e complementaridade, superando a relação sujeito-objeto, na busca de uma relação em que fazemos parte do todo.

Dentro desses princípios éticos, emergem personagens sensíveis com a causa da vida, que instauram novas práticas sociais no interior da sociedade: os negros, as mulheres e os indígenas são atores e atrizes emergentes, ao lado dos “pobres”. A consciência e o exercício da cidadania desses novos protagonistas sociais apresentam traços característicos: ações pontuais ou imediatas na comunidade, no bairro, na região. São solidariedades “pequenas”, sem perder de vista o horizonte da totalidade social, com exceção, talvez, do que parece ser a proposta do “movimento dos sem-terra”.¹⁵

Pequenos projetos e práticas sociais de dimensões menores fazem parte de nosso cotidiano, sem nos darmos conta. Nos-

sa vida social estaria impossibilitada sem tais pequenas ações no seio da sociedade. Desmerecê-las é o mesmo que desclassificar os seus protagonistas: seria uma forma de empobrecer ainda mais o pobre. O pensamento bíblico valoriza, como estamos percebendo na narrativa de Mc 6, 34-44, o gesto da partilha entre os pequenos, que possuem a insignificante quantidade de cinco pães e dois peixes.

Uma grande força se faz presente no pequeno de nossas práticas cotidianas. Além disso, os grandes projetos sociais passam por relações interpessoais, por descobertas e aprendizados constantes. Sem isso, os projetos se tornam impositivos, deixando as próprias pessoas humanas à margem, quando não vítimas, em seu processo. Pequenos projetos carregam as marcas e características do todo. Essa força revelada nos pequenos empreendimentos pode ser igualmente expressão de um fermento da transformação que, por sinal, está ganhando grandes proporções em novos projetos e práticas sociais. Em suma, de um lado, é importante valorizar grandes projetos, por outro, é indispensável valorizar os médios e pequenos que carregam características da mesma qualidade. Temos inúmeros projetos com formas de solidariedade participativa superando exclusões e explorações entre as pessoas. Temos semelhantes linhas de ação, que visam a conduzir a vida humana e ambiental na perspectiva do resgate da dignidade.

A consciência de que os diferentes projetos têm um grande ponto de encontro nessas opções de fundo gera um espírito de rede, que é importante cultivar. Num primeiro momento, a aproximação entre os projetos se dá, no mínimo, de forma afetiva, mas logo se abre também para a soma efetiva de forças em suas reivindicações, apoios mútuos, conjugação de estratégias. Na percepção da grande rede de pequenos e médios projetos marcados pela solidariedade e inclusão participativa ganha alento e esperança de transformação social, abrindo-se em chances de

vida para todos.

Quatro categorias de atores têm interagido por meio de intercâmbios diversos, a partir de sua respectiva participação nos movimentos mais organizados ou menos organizados, de tal modo que vão criando novas redes solidárias e estratégias na direção de uma cidadania pensada em escala planetária.

Assim, vejamos os “movimentos de massa”, os “movimentos associativistas e sindicalistas, institucionalizados”, os “novos movimentos sociais” e os “Movimentos transnacionais pela cidadania”, conforme interessante artigo de Ilse Scherer-Warreen¹⁶.

Movimentos de massa

É constituído pelos trabalhadores “excluídos” ou “sub-integrados” (dependendo da abordagem). Têm utilizado estratégias – utilizadas por populações de rua ou de moradia precária, bem como pelos “sem terra” – de ocupação de espaços públicos, de moradias ociosas e de propriedades improdutivas.

Esses atores e atrizes sociais, através da mediação de pastorais das Igrejas, de ONGs (Organizações Não-Governamentais) e de seus novos movimentos de referência (tais como o Movimento dos Sem-Terra e o Movimento dos Sem-Teto, no Brasil), vêm construindo uma identidade política. Já não se limitam às redes passivas, mas se articulam através de redes politicamente ativas. Portanto não se restringem à política de rua meramente reativa, mas são partícipes de um movimento de massas politizadas, com críticas à sua condição de subcidadania, estratégias de ação politicamente construídas e com uma utopia de transformação. São, pois, agentes ativos de movimentos sociais em construção. Além disso, há experiências de articulações globalizadas, como a participação do MST na Via Campesina e nos Fóruns Sociais Mundiais.

Tais atores e atrizes dessa nova conjuntura social, politicamente organizados, abrem brechas para a universalidade da questão da pobreza, como uma exigência para a realização da cidadania num sentido mais pleno.

Movimentos associativistas e sindicalistas institucionalizados

São trabalhadores que têm condições de sobrevivência relativamente mais estáveis, moradores “fixos”, portadores de uma cidadania regulada e, através de ocupações profissionais reconhecidas e definidas por lei (assalariados, cooperativados, autônomos legais), irão construir identidades comunitárias, relativas aos seus lugares de moradia ou de ofício.

Todavia, alguns desses protagonistas sociais irão participar de várias associações civis (sindicato, associação de bairro, organizações voluntárias etc.), e devido as suas diferentes posições de sujeito, desenvolvem identidades coletivas múltiplas.

Quando as redes sociais locais, típicas da vida cotidiana, cruzam-se com as múltiplas redes associativistas, vai sendo construída uma rede de movimentos sociais e configurando a polifonia do que a teoria vem denominando de “associativismo civil” e “sindicalismo cidadão”, indo além de suas reivindicações corporativas para engajar-se na sociedade civil de forma mais ampla. Um exemplo é o “sindicato-cidadão”, coordenando a “ação da cidadania contra a fome e a miséria”, em várias cidades brasileiras.

Novos movimentos sociais (NMS)

Os NMS tendem a ser construídos a partir de protagonistas oriundos de segmentos sociais específicos, que ora resistem às

discriminações salariais de seu grupo de origem, ora lutam pelo reconhecimento de suas condições sociais de gênero, étnicas, regionais, culturais, etc., construindo identidades políticas específicas (de gênero, racial, cultural, ecológica etc.).

Para além de suas redes de identidade (por exemplo, redes feministas transnacionais), historicamente esses protagonistas sociais vêm gradativamente se articulando e trocando experiências entre movimentos, através de redes que os estudiosos chamam de “trans-identitárias”, politicamente construídas.

Dessa forma, vão dando um colorido especial e uma abrangência política multi-temática aos denominados novos movimentos sociais, criando um feminismo popular, uma ecologia dos pobres, um movimento de mulheres negras ou de agricultoras e assim por diante. Trazem, assim, para dentro dos movimentos sociais que lutam pelo respeito à diferença ou contra a discriminação, a questão da desigualdade (da pobreza) ou dos mais segregados entre os discriminados.

Movimentos transnacionais pela cidadania

Finalmente, temos os mediadores políticos e de solidariedade, representados pelos profissionais e militantes de ONGs, lideranças dos sindicatos, intelectuais orgânicos, dentre outros, que vêm construindo um novo tipo de identidade solidária e multicultural, posicionando-se contra as novas formas de exclusão social ou subintegração econômica, resultante das políticas neoliberais subservientes aos interesses das corporações globais.

Interessante perceber que há milênios esses princípios de solidariedade entre os pequenos estão presentes nas grandes tradições espirituais da humanidade, tanto no Ocidente como no Oriente. Vejamos a contribuição de Jesus, com seu imperativo

ético da partilha, que expressa a ética da compaixão associada com a da responsabilidade.

O imperativo ético de Jesus (6, 35-44)

(35) Sendo a hora já muito avançada, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada.

(36) Despede-os para que vão aos campos e aldeias vizinhas e comprem para si o que comer. (37) Jesus lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

Disseram-lhe eles: “Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?” (38) Ele perguntou: “Quantos pães tendes? Ide ver” Tendo-se informado, responderam: “Cinco, e dois peixes”.

(39) Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a relva verde. (40) E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinqüenta.

(41) Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos.

O diálogo entre Jesus e seus discípulos em 6,36-38 é o ponto central da narrativa. Demonstrando aparente preocupação com a situação das multidões, os discípulos propõem que o povo tenha permissão para comprar algo para comer nas fazendas e aldeias vizinhas.

O discipulado tenta esse artifício por duas vezes. Na primeira tentativa (6,35-36), ouve de Jesus uma frase que é um verdadeiro imperativo ético: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (6, 37). Na segunda tentativa de descompromissar-se com a real situação do povo (6, 37-44), o discipulado recebe de Jesus a

missão de articular e efetivar a partilha do pão.

Temos aqui, portanto, a insistência do Mestre de que é preciso assumir a solidariedade em meio a tentação comodista de desvencilhar-se de qualquer compromisso com a multidão. Com isso, Jesus parece ter consciência da real situação do seu povo, conseqüência do descompromisso da classe dirigente. Em sua compaixão está implícita uma certa tristeza... Mas nada disso parece lhe tornar um crítico amargo, alguém que não perceba saídas, como se tudo estivesse perdido. Pelo contrário, Jesus propõe soluções práticas, ao alcance das pessoas comuns, com quem convive no cotidiano.

Os discípulos de Jesus demonstram ter consciência das dificuldades que aquela grande multidão teria para comer. Mas sequer cogitam que seriam capazes de esboçar algum tipo de ajuda. Sentiam-se incapazes de cuidar daquele problema que vislumbravam... Por isso a advertência feita a Jesus: **“O lugar é deserto e a hora já muito avançada. Despede-os para que vão aos campos e aldeias vizinhas e comprem para si o que comer.”**

A reação que Jesus propõe deveria vir justamente de quem demonstra não se sentir capaz de esboçar alguma reação. Jesus parece perceber que a solução dos problemas não vêm de cima para baixo nem cai pronta do céu. Passa pela mudança de postura: do descompromisso de quem demonstra perplexidade e impotência para solucionar graves problemas sociais, para o compromisso inteligente e bem articulado de quem se sente capaz de atacar as raízes do problema (acumulação dos bens), na busca de soluções práticas, ao alcance das pessoas comuns da comunidade (partilha).

Assim, com o imperativo ético **“Dai-lhes vós mesmos de comer”** (6, 37), Jesus contrapõe à concepção de poder do império que centraliza cada vez mais as riquezas nas mãos de quem

já tem abundantemente, uma outra concepção: a do serviço (diaconia), voltado para as massas cada vez mais empobrecidas.

A resposta dos discípulos **“Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?”** tem um certo tom de espanto e reprovação, pois pensavam que teriam de gastar todo o dinheiro que possuíam para alimentar tanta gente... De fato, duzentos denários não é muito para cinco mil (um para cada vinte e cinco), contudo é muito para quem deve desembolsá-lo (o salário de duzentos dias).

Desse modo, a narrativa chega a um impasse bastante claro: ou seguir a ordem econômica vigente (cada um que se vire com o que tem para o seu sustento), ou por em prática uma nova ordem econômica, que contradiz a existente (partilhar o que se tem solidariamente).

O que se tem é pouco, **“Cinco pães, e dois peixes”**. O que os discípulos percebem, a partir de sua análise que só alcança o imediato e a aparência, é o número quebrado: cinco e dois, em si mesmo absolutamente insuficiente aos objetivos. Não alcançam o potencial que tem em mãos, simbolizado aqui pela somatória de cinco e dois: **“sete”**.

O número sete, na cultura hebraica denota plenitude, totalidade. Em Pr 3, 10 lemos: “e teus celeiros se encherão [literalmente: ‘tornar-se-ão sete’] de grãos”. Conseqüentemente, o sete é também o símbolo da perfeição.¹⁷ O significado que podemos encontrar aqui em Mc 6,38 é, portanto, singelo: a quantidade do alimento disponível pela comunidade é suficiente para saciar a fome da multidão.

Como afirma Myers,

a solução de Jesus nada tem a ver com a participação na ordem econômica dominante. Pelo contrário, ele determina quais são os recursos válidos, organiza os consumidores em grupos (6, 39s), pronuncia a bênção (cf. 14,

22) e distribui o que tem à mão (6, 41)... O único “milagre” aí é o triunfo da economia da partilha dentro de uma comunidade de consumo.¹⁸

Marcos parece se basear aqui num episódio da atuação do profeta Eliseu (2Rs 4, 42-44): “Veio um homem de Baal-Salisa e trouxe para o homem de Deus pão das primícias, vinte pães de cevada e trigo novo em espiga. Eliseu ordenou: ‘Oferece a esta gente para que coma.’ Mas seu servo respondeu: ‘Como hei de servir isso para cem pessoas?’ Ele repetiu: ‘Oferece a esta gente para que coma, pois assim falou lahweh: “Comerão e ainda sobrará.”’ Serviu-lhos, eles comeram e ainda sobrou, segundo a palavra de lahweh.”

Ched Myers chama a atenção para esta narrativa por duas razões. Primeira: os relatos de milagres do profeta Eliseu envolvendo alimento ocorrem no contexto de “fome na terra” (2Rs 4, 38). Estão diretamente relacionados com a preocupação de retardar o flagelo da fome. Segunda: o pão trazido a Eliseu representa as primícias (2Rs 4, 42). Pode ser que Marcos evoque essa tradição por causa desses fatores, que se relacionariam com os conflitos e atritos sobre a fome, o pagamento do dízimo e a distribuição do fruto da terra, articulados em 2,23-28. Esses fatos, correlacionados, fazem entender melhor a frase “rebanho sem pastor” (6,34), com que Jesus se refere a essa massa faminta (6,34).

Temos, então, nas entrelinhas dessa narrativa, uma crítica implícita às lideranças políticas da Palestina do século I, em virtude da política econômica colocada em prática, uma vez que protege mais seus privilégios do que a prosperidade coletiva do povo. Jesus age no deserto, longe das estruturas socioeconômicas que oprimem o povo, como uma nova liderança que se coloca a serviço da reorganização popular:

Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a relva verde. E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinquenta (vv. 39-40).

Tal ação tem como objetivo ir ao encontro das necessidades humanas reais e imediatas, tal como a realidade concreta da fome. No deserto, fora do alcance da ordem social dominante e de seus mercados, Jesus ensina a encontrar os recursos necessários para alimentar a multidão de famintos:

Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos (v. 41)

É interessante observar que, num único versículo, há um acúmulo de verbos para indicar a partilha: partir, dar, distribuir, repartir. A ação de Jesus provoca e realiza o gesto da partilha. A prática da partilha é a grande novidade messiânica, em contraste com o sistema baseado no dinheiro (compra e venda), no qual os discípulos demonstram estar ainda mergulhados (conforme versículos anteriores).

Um outro aspecto a salientar é a formulação eucarística deste versículo (v. 41), que aparece nos quatro evangelistas (Mt 14, 13-21; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-13). Em João, a tonalidade eucarística é ainda mais evidente, com o discurso sobre o pão da vida (Jo 6, 22-26). Além disso, Mateus (15, 32-39) e Mc (8, 1-10) apresentam uma duplicata do mesmo acontecimento. Isso aponta para o fato de que a ação de Jesus em tomar o alimento, elevar os olhos para o alto, abençoá-lo e reparti-lo, para que os discípulos distribuíssem, fora particularmente meditada no con-

texto preciso da celebração eucarística, e objetivava responder a uma pergunta fundamental da comunidade cristã: o que significa, na verdade, celebrar a Eucaristia?¹⁹ A resposta é simples: celebrar a Eucaristia é rememorar constantemente a essência do projeto messiânico de Jesus de Nazaré, seu gesto típico e derradeiro (Mc 14, 22-25), a partilha do pão.

A partilha é, em última análise, aquilo que faz conhecer quem é Jesus (Lc 24, 29-31), e marca fundamental do seu discipulado (At 4, 34: “Não havia entre eles necessitado algum”). Daí o imperativo ético a que nos referimos antes: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (v. 37). Desse modo, “a atitude fundamental do missionário é sentir-se convocado pela necessidade vital de seu povo e assumi-la como própria. A fome do povo não pode ser apenas um fato a constatar, mas terá de ser uma tarefa a assumir, por força da compaixão, da solidariedade”.²⁰

3 Conseqüência da partilha: o emergir de um novo tempo

É possível construir novas práticas sociais que nos dêem condições de, pelo menos, vislumbrarmos um novo tempo, em que uma parte mais significativa da sociedade tenha o direito à vida com dignidade? É possível ter esperança de que um novo tempo tenha lugar?

Com base no artigo de Ilse Scherer-Warreen,²¹ podemos afirmar que sim. Como decorrência do novo tipo de identidade que se constrói pelas redes de solidariedade entre os multiculturais movimentos da sociedade, podemos observar as ações solidárias para com os mais explorados e excluídos, por um lado, e de redes estratégicas para contestar essa situação, por outro.

Tais redes de solidariedade têm conseguido espaço e notoriedade na esfera pública, através de manifestações simbóli-

cas massivas, como as que ocorrem nas grandes marchas nacionais (p. ex., do MST, no Brasil) e nas várias marchas mundiais (tais como as que ocorreram contra a invasão bélico-militar dos Estados Unidos no Iraque, entre 2002 e 2003, e muitas outras). Essas manifestações, por sua vez, são fruto do poder organizativo das redes de identidade e de solidariedade, via meios virtuais e presenciais²².

Os Fóruns Sociais Mundiais (FSM I, II e III), em Porto Alegre, foram momentos de encontro dessas redes de ONGs e movimentos, as quais construíram a agenda do Fórum, como a oportunidade de construção de um movimento antiglobalização mais permanente e semi-institucionalizado.

O FSM é um caso emblemático e é também um momento ímpar para se escutar as comunicações das diversos movimentos sociais organizados da atualidade: lutas contra a miséria crescente no mundo globalizado, contra as diversas formas de exclusão ou subcidadania, contra as inúmeras modalidades de discriminações, étnicas/raciais, de gênero, religiosas, regionais, etárias, etc.

Através do lema “Um mundo melhor é possível”, sintetizam-se aspirações de múltiplas formas que convergem na direção de uma sociedade com uma lógica diferente da atual, que “coloca o mercado e o dinheiro como a única medida de valor”, para uma em que “o ser humano e a natureza são o centro de nossas preocupações” (Palavras da Convocação de Porto Alegre, 2001).

Os excluídos sociais, quando portadores de uma consciência coletiva, além do apelo contra a desigualdade ou a segregação de que são vítimas, percebem a distância que os separa do mundo dos cidadãos, e, nesse momento, são portadores potenciais de um movimento histórico. Esse movimento pode-se desenvolver justamente a partir da articulação com outras forças organizativas também com potencial de mudança histórica.

Nos últimos anos, essa articulação vem alcançando a escala de um movimento cidadão mundial. Por movimento cidadão mundial entenda-se essa ampla rede de ONGs e organizações de movimentos, que se comunicam de formas diversas (virtual e presencial). É através desse movimento que estão sendo transcendidas as tendências de fechamento (guetização) das políticas identitárias (p. ex., ecologismo e feminismo radicais), e do reducionismo classista das políticas igualitárias, avançando-se na direção de uma política de redução das desigualdades com reconhecimento e respeito à diferenças socioculturais, em que as subsegmentações estratégicas dos movimentos assumem novas denominações.

Nesse sentido, pode-se citar como exemplo às alternativas de um ecofeminismo social, uma justiça ambiental ou um movimento contra racismo ambiental, ou um ambientalismo da pobreza e muitas outras possibilidades que esse encontro de utopias vai possibilitando. Aí reside a riqueza e o desafio de uma nova lógica intercultural, democrática e de superação das injustiças sociais.

No momento em que tais protagonistas sociais desenvolvem identidades grupais de caráter político, cruzam suas experiências com outros grupos de identidade (grupos identitários), vão transformando sua condição de mera clientela do Serviço Social e da filantropia para uma posição de sujeito que reivindica direitos de cidadania. É nessa direção que populações politicamente excluídas no Brasil, no final do milênio, através de sua interação com ONGs e movimentos, vão-se constituindo em novos sujeitos de direito: moradores pobres das periferias da cidade, mulheres, negros, crianças e adolescentes, idosos e aposentados vêm-se mobilizando e se organizando, transformando-se, por isso mesmo, em sujeitos políticos que se pronunciam sobre as questões que lhes dizem respeito, exigem a partilha na deliberação de políticas que afetam suas vidas e, por esse mesmo motivo, dissol-

vem a figura do pobre carente e desprotegido, como sempre foram vistos na sociedade, para se imporem como cidadãos que exigem direitos.

Esses sujeitos emergentes vão participar diretamente, ou se fazer representar através da mediação de ONGs ou de organizações populares dos locais de moradia, em Conselhos Setoriais ou em Conselhos Tutelares que lhes dizem respeito, em Fóruns políticos que reivindicam direitos diversificados, não apenas em relação às precariedades econômicas, mas em relação a questões de qualidade de vida, saúde, educação, moradia, criação de oportunidades face a discriminações históricas de gênero, étnicas e culturais.

Enfim, encontram-se aí indícios para se enfrentar o desafio de como re-inventar a utopia de um mundo sem miseráveis, onde a construção da igualdade acompanhe o reconhecimento das diversidades culturais, a convivência pacífica com os diferentes e a inclusão efetiva através da abertura de canais democráticos de participação na esfera pública.

O projeto dos tempos messiânicos: superabundância, fartura

(42) Todos comeram e ficaram saciados.
(43) E ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixes. (44) E os que comeram dos pães eram cinco mil homens.

Com o banquete de Jesus, prefigura-se um novo tempo, em que “todos” participam do banquete e ficam satisfeitos. Esse novo tempo é bem diferente dos tempos em que tiranos (do tipo Herodes, curiosamente na narrativa anterior: 6,14-29) se banqueteiam com poucos convidados, em bacanais intermináveis, num flagrante escândalo diante das necessidades urgentes da maioria da população empobrecida e oprimida:

- No banquete de Herodes, os convidados são os grandes da corte, os oficiais e os cidadãos importantes da Galiléia (v. 21). No banquete de Jesus “todos” fazem parte; uma grande multidão abandonada à própria sorte, sem assistência alguma da classe dirigente: “ovelhas sem pastor”.
- No banquete de Herodes trama-se a morte de João Batista, justamente porque pregava a conversão dos pecados para uma vida de retorno ao Projeto de Deus. No banquete de Jesus, articulam-se as condições para que a vida possível para todos, justamente por meio da partilha dos bens segundo o Projeto de Deus.
- No banquete de Herodes, está configurado um tempo em que tiranos e seus aliados se banquetejam com os frutos do trabalho dos que produzem a riqueza com a força, com o suor de cada dia. No banquete de Jesus, inaugura-se um novo tempo, em que tudo o que se tem é partilhado com quem está na base da produção.

Assim, o banquete de Jesus antecipa concretamente um novo tempo, em que o poder é exercido como serviço para que todos tenham vida, e vida em abundância (Jo 10,10). Por isso, Marcos afirma que **“todos comeram e ficaram saciados”** (Mc 6,42). Essa passagem lembra o Sl 78,29: **“Comeram e ficaram bem saciados, pois ele os serviu conforme queriam”**. Isso configura o fato de que Jesus, na mentalidade da comunidade primitiva, já era considerado aquele que exerce as funções de Deus no sustento de seu povo, em meio à descrença desse mesmo povo (idéia que perpassa o Sl 78, sobretudo a partir do v. 19: **“E falaram contra Deus: ‘Acaso Deus poderia preparar uma mesa no deserto?’** “

O tema da abundância, já presente em Ex 16,8.12.23, no episódio do maná, que tem Moisés como protagonista, volta num texto bem próximo do nosso, quando o profeta Elias multiplica vinte pães para cem pessoas, que comeram e ainda sobraram... (2Rs 4,43). Jesus aparece aqui, com uma atuação muito mais significativa do que a de Moisés (Ex 16; Nm 11) e Elias (2Rs 4,1-7. 42-44). Nele, finalmente, os sinais prodigiosos esperados para os tempos messiânicos são realizados. No relato da multiplicação dos pães, em Jo 6, 14, lemos: “Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: ‘Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!’”.

A ação de Jesus e do seu discipulado é surpreendente, uma grata novidade: todos comeram, satisfizeram suas necessidades básicas e ainda houve sobras para depois. E o que sobrou dos pães e dos peixes, deu para encher doze cestos. Em 8,19, foram os doze discípulos que recolheram as sobras. Interessante trazer aqui o simbolismo do número “doze”:

No tempo de Jesus, “o doze simboliza a unidade e a totalidade do povo eleito; ele entrava assim como elemento essencial na perspectiva escatológica, quando Israel, como povo de doze tribos, seria restaurado. O ponto de origem para o número doze como símbolo de Israel encontra-se no número dos filhos de Jacó (Gn 49, 28: “Estas são as doze Tribos de Israel”), que constituem a totalidade de Israel... O número doze traz consigo certa conotação teológica: as doze tribos representam a condição do povo judeu tal como o Deus da aliança a quer (Ex 24, 4: “[Moisés] ergueu um altar na encosta do monte e doze estrelas para as doze tribos de Israel”)... Toda a história deste povo remonta ao número doze constitutivo... O número doze tornou-se, assim, símbolo da situação ideal de Israel, até quando as circunstâncias políticas não correspondiam a ela... Na época do desterro

volta a idéia do Israel primordial e fala-se da reunião das tribos para reconstituí-lo (Is 49,6: “É pouco que sejas meu servo e restabeleça as tribos de Jacó”)... O número doze ao dar a lista dos discípulos, que representam o novo Israel e a quem Jesus destina missão universal.”²³

A novidade da prática de Jesus consiste, portanto, no fato de que exerce o poder bem diferente das autoridades de sua época: sensibilizado com a situação trágica em que se acha a multidão do povo, orienta o discipulado no sentido do serviço em função da organização do povo, tendo em vista a partilha dos bens. Desse modo, o futuro tão ansiosamente esperado pelo povo de Deus se torna visível por meio da ação de Jesus.

A comunidade dos que crêem em Jesus, encarregadas de levar adiante a mesma missão, tem de compreender algo essencial: o conteúdo central de sua missão é conseqüência da interpelação concreta de penúria e abandono em que se acham as multidões excluídas: sua necessidade primária de comer, símbolo por excelência das necessidades básicas e da totalidade de suas carências, enfim, a vida do povo que sofre em todos os recantos da terra. “É interessante verificar como, após o sumário de 6,12-13.30, é a cena dos pães que vem descrever detalhadamente o exercício da missão apostólica. O coração da missão são os apelos do povo necessitado. Daí é que nasce a vocação de Jesus e de seus discípulos, como a vocação própria de Deus mesmo (cf. Ex 3,7-10).²⁴

Como lemos no versículo 44, **“E os que comeram dos pães eram cinco mil homens”**. O número é simbólico: aponta para a totalidade do povo de Israel, organizado. De fato, no versículo 40, o povo foi organizado em fileiras de cem e de cinquenta, cuja multiplicação é cinco mil. Isso recorda a organização de Israel no deserto (Ex 18,21.25; Nm 31,14; Dt 1,15). Pode-

mos inferir que o discipulado de Jesus tem a missão de colocar-se a serviço das “multidões”, isto é, de todos os povos, organizando um novo povo de Deus, cuja relação básica está em função da partilha dos bens, com a finalidade de que a fome seja eliminada, todos fiquem saciados e ainda haja reservas para o amanhã.

Conclusão

A prática da partilha é um excelente paradigma para todas as nações, um modelo que serve para toda a humanidade, diante do problema da fome.

A fé no Deus vivo que dá a vida, a fé no Deus de Jesus se realiza concretamente mediante o pão partido entre os irmãos. Como vimos em Mc 6, 34-44, a partilha que Jesus ensina não é metáfora ou parábola, mas verdadeiro compartilhar do que se tem.

É urgente acreditar no pouco que se tem, verificar cuidadosamente as próprias possibilidades, estar disponível a juntar esse pouco com o que o outro tem e partilhar. Há algo de errado em nossas relações de compra e venda, nas quais o dinheiro se torna o grande valor a ser perseguido, inclusive como valor absoluto, relativizando todos os demais valores.

Os ensinamentos de Jesus, nesse episódio da multiplicação do pães é bastante prático: deixa claro que a economia capaz de satisfazer as necessidades de todos é possível por meio de novas práticas políticas econômicas, que viabilizem a organização do povo em função de novas relações fecundadas pela potência do dom, dádiva, partilha. Mas há um imperativo: é preciso que o povo passe de massa dispersa a povo organizado.

Estudiosos das novas relações sociais apontam para saídas que começam a ser vislumbradas na conjuntura atual: sinais de articulação dos movimentos populares numa grande rede que vem alcançando a escala de um movimento cidadão mundial.

Trata-se, como vimos, de uma ampla rede de ONGs e organizações de movimentos (inclusive eclesiais), que se comunicam de formas diversas, superando tendências de fechamento, transcendendo na direção de uma política de redução das desigualdades sociais, com reconhecimento e respeito às diferenças. Aí reside a riqueza e o desafio de uma nova lógica intercultural, democrática e de superação das injustiças sociais. Encontram-se aí indícios para se enfrentar o desafio de como re-inventar a utopia de um mundo sem miseráveis, onde a construção da igualdade acompanhe o reconhecimento das diversidades culturais, a convivência pacífica com os diferentes, e a inclusão efetiva através da abertura de canais democráticos de participação na esfera pública.

Temos aí, na prática, a configuração atual daquilo que é a essência do ensinamento de Jesus em Mc 6,34-44. O início da superação dos problemas que causam a degradação da vida humana e da vida como um todo, em escala planetária, só é possível quando dois passos forem dados: a) é preciso que o povo passe de massa dispersa a povo organizado; b) é fundamental que o povo organizado seja capaz de criar redes de relações locais, regionais, nacionais, continentais e planetárias, fecundadas pela poderosa prática da partilha, por meio do intercâmbio de experiências e do apoio mútuo, que fortaleça a infraestrutura desses organismos populares.

Em outras palavras, os novos tempos inaugurados pelo Messias Jesus interpela a todos nós, discípulos, discípulas e pessoas de boa vontade, a tornar possível hoje, no coração da crise em que vivemos, novas atitudes e novos comportamentos que surjam no meio das multidões excluídas, na perspectiva da desalienação, da articulação, da organização e da partilha em redes que reivindiquem um mundo sem excluídos sociais.

Quero dar um ponto final neste artigo, com “um olhar sobre a cidade”²⁵

“Quando passares protegido contra o frio,
protegido contra a chuva
e vires,
na Pessoa de um pobre,
Jesus Cristo ensopado,
de roupa colada ao corpo,
de ossos gelados,
de alma tiritando de frio,
mesmo que não possas parar,
mesmo que não haja lugar em teu carro
ou não te seja possível levar para casa
o teu Senhor –
vai rezando
para que um dia,
sem grande demora,
haja lugar para Ele
em todas os carros,
em todas as casas,
em todas as almas...”

Notas

- ¹ João Luiz Correia Júnior é doutor em Teologia (com concentração na área bíblica), professor titular e pesquisador do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco.
- ² Segundo Severino Croatto, “o que realmente gera e orienta a releitura da Bíblia são as sucessivas práticas. Estas fazem crescer o sentido dos textos, o que logo se expressa em novos textos, os quais por sua vez condicionam novas práticas e, assim sucessivamente numa rotação hermenêutica progressiva e enriquecedora”. CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal; 1986, p. 57.
- ³ Segundo dados do Relatório do Desenvolvimento Humano do Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, de 1999, “as inovações tecnológicas, tal como a Internet, podem abrir um

caminho rápido ao crescimento baseado no conhecimento, tanto nos países ricos como nos pobres mas, neste momento, beneficiam-se aqueles que estão em boa situação e os instruídos: 88% dos usuários vivem em países industrializados que, conjuntamente, representam apenas 17% da população mundial. Os mais ricos têm uma vantagem esmagadora sobre os pobres, desconectados, cujas vozes e preocupações estão ficando fora das conversações mundiais”.

⁴ Idem, Relatório do Desenvolvimento Humano, do Pnud.

⁵ CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁶ Segundo dados do Relatório do Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, de 1999, países com a mesma faixa de renda per capita do Brasil, uma taxa de pobreza muito menor que a nossa. Por outro lado, países com taxa de pobreza semelhante à do Brasil, estão numa faixa de renda per capita muito menor que a nossa.

⁷ MYERS, Ched. O evangelho de São Marcos. São Paulo: Paulinas, 1992, op. cit., p. 198.

⁸ MYERS, op. cit. p. 198-199.

⁹ THEISSEN, Gerd. Sociologia do movimento de Jesus. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; 1989, p. 40-43; 79.

¹⁰ Segundo Gerd Theissen, isso significa que o movimento de Jesus não é consequência somente da miséria social, da pressão econômica e da repressão política. Segundo o autor, “aparecem nele também pessoas ricas. As camadas intermediárias, porém ameaçadas em seu status, provavelmente tiveram o peso maior...”. THEISSEN, op. cit. p. 79.

¹¹ A palavra da língua portuguesa “compaixão” é fraca demais para exprimir o sentimento que movia Jesus. O verbo grego *splagchnizomai* é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “ele foi tomado de compaixão ou piedade”, ou “ele sentiu piedade”, ou “seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar o profundo sabor físico e emocional da palavra grega para compaixão. NOLAN, Albert. Jesus antes do cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 48-49.

¹² GNILKA, Joachim. El evangelio segun San Marcos: Mc 1,1-8,26. Salamanca: Sigueme, 1992, v. 1, p. 80.

¹³ Id., ibid.

¹⁴ Esses três “princípios” aqui articulados, estão bem explicitados em

- NEUTZLING, Inácio. **Por uma sociedade e um planeta sustentáveis**: a possível contribuição do humanismo social cristão na construção de um novo paradigma civilizacional. São Leopoldo, Unisinos, 2000, p. 209-210.
- ¹⁵ PALÁCIO, Carlos. **Práticas sociais e pensar teológico**: algumas lições da história. In: Terra prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 316.
- ¹⁶ Baseio-me, aqui, em artigo de Ilse Scherer-Warreen, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais da UFSC. Pesquisadora Sênior do CNPq, intitulado: **“A problemática da pobreza na construção de um movimento cidadão**: questões de teoria e método”.
- ¹⁷ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Evangelho**: figuras & símbolos. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 75.
- ¹⁸ MYERS, op. cit. p. 255.
- ¹⁹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA, João Luiz, Jr. **Evangelho de Marcos**. Vol. I: Caps. 1-8. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 263-264.
- ²⁰ Id., ibid., p. 262.
- ²¹ Baseio-me, nesta terceira parte, no seu artigo já citado. SCHERER-WARREEN, Ilse. “A problemática da pobreza na construção de um movimento cidadão: questões de teoria e método”. In: site www.cfh.ufsc.br/~ppgsp/seminario_ilse.rtf
- ²² **Virtual**, que forma movimentos de resistência via internet e outros meios técnicos modernos (o celular é a rádio peão da atualidade, como, por exemplo, é utilizado pelo MST nos momentos de ocupação simultânea de vários locais públicos). **Presencial**, por meio de formas concretas de denúncia e resistência, que vão das manifestações públicas, às ocupações de espaços públicos ou privados quando emblemáticos da exclusão, da miséria (como com as ocupações de terras), ou mesmo detrimentos à saúde (ofensivas contra as produções de transgênicos, etc.), ou ainda, de ocupação da praça pública, nos locais dos Fóruns das Corporações transnacionais, da Organização Mundial do Comércio, do G-7 e agora G-8 e outros encontros de defesa da atual política global.
- ²³ MATEOS; CAMACHO; op.cit. p. 77-78.
- ²⁴ SOARES; CORREIA; op.cit. p. 265.
- ²⁵ CÂMARA, Hélder. **Um olhar sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p. 94.

Endereço do autor

Rua João Fernandes Vieira, 600, ap. 1402, bloco A, Bairro da Boa Vista
 CEP 50.050-903 Recife – PE
 Fones: (81) 3221.8846 (residência), (81) 9962.2814
 E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br